

O Cerrado, seco e belo



GISELDA DURIGAN/IF

Erva-galega: crescimento só em áreas abertas, próximo a rios e córregos

A engenheira florestal Giselda Durigan começou há 20 anos a fotografar as plantas do Cerrado paulista com o propósito de facilitar o reconhecimento das espécies. Com o tempo, seu trabalho se somou ao de outros dois pesquisadores do Instituto Florestal, João Batista Baitello e Geraldo Franco, e ao de Marinez Siqueira, do Centro de Referência em Informação Ambiental (Cria), e resultou em livro que abre o olhar para as formas e sutilezas de uma vegetação vista normalmente com desdém, o *Plantas do Cerrado paulista – Imagens de uma paisagem ameaçada* (Páginas & Letras Editora, 476 páginas, R\$ 150,00). Publicada com apoio da Agência de Cooperação Internacional do Japão (Jipa), a obra é provavelmente o

maior levantamento já realizado do Cerrado paulista, com descrições de 420 espécies, acompanhadas pelas imagens de folhas, frutos e flores. “Só quando se sentem próximas das plantas as pessoas começam a pensar em preservação”, observa Giselda. Sem deixar a ciência ficar atrás da estética, os autores apresentam como espécies distintas o pau-santo (*Kielmeyera coriacea*), uma árvore de tronco tortuoso e flores grandes com pétalas brancas, antes confundida com a malva-do-campo (*Kielmeyera variabilis*), subarbusto de até 1 metro de altura e flores levemente diferentes. Além disso, reconhecem o cedro-do-brejo (*Cedrela odorata* variedade *xerogeyton*), outra árvore de casca espessa, encontrada exclu-

sivamente em terrenos úmidos, como um grupo distinto do cedro (*Cedrela odorata*), típico de solos secos. Uma das raridades do livro é o feijão-de-campo (*Clitoria densiflora*), com até 50 centímetros e flores lilases ou azuladas, nunca antes coletado em São Paulo. “Sua identificação”, conta Giselda, “foi quase impossível porque a amostra que batizou a espécie está guardada na Europa”. Os pesquisadores alertam para a necessidade de preservação desse ecossistema, o segundo maior do Brasil, do qual, em São Paulo, restam apenas 7% da área original: a maioria das espécies de Cerrado só sobrevive em seu próprio hábitat, já que ainda não se sabe como cultivar em viveiros grande parte delas. •

■ Cuidado com as ostras frescas

Saborear uma ostra à beira das praias de areia branca e o mar verde-esmeralda do Ceará pode não ser assim tão bom: as ostras (*Crassostrea rhizophorae*) que crescem no estuário do rio Cocó, um dos principais criadouros naturais do estado, estão contaminadas. Os moluscos coletados nessa região e vendidos ainda frescos para serem consumidos em geral crus apresentam quantidades elevadas de duas bactérias encontradas em fezes, a *Escherichia coli* e a *Enterococcus faecalis*. A equipe da bióloga Regine Vieira, da Universidade Federal do Ceará, analisou 300 ostras e constatou que a taxa de *E. coli* variou de 2 a 920 unidades formadoras de colônias por grama de ostra, enquanto a de *E. faecalis* ficou entre 3 e 100, segundo artigo a ser publicado no *Brazilian Journal of Microbiology*. Embora a legislação sanitária brasileira não estabeleça limites de contaminação por *E. coli* para moluscos a serem consumidos crus, a comparação com os critérios europeus indica que 40% dessas ostras não deveriam ser degustadas frescas. Antes do consumo, teriam de passar por um banho prolongado em água limpa para eliminar as bactérias. “A presença de *E. coli* nas ostras é um indicio de que as águas da região podem conter bactérias associadas a doenças”, diz Regine. Ela sugere que a Vigilância Sanitária adote a quantificação dessas bactérias para definir o padrão da qualidade dos moluscos. •

■ Estratégias para deter a raiva

Das 150 espécies de morcegos encontradas no Brasil, três se alimentam de sangue e só uma, a *Desmodus rotundus*, ataca mamíferos como os seres humanos. O desmatamento faz o *D. rotundus* ou morcego-vampiro buscar sangue nos povoados e nas fazendas de criações de gado, porcos e ovelhas próximos a florestas. Para evitar a transmissão da raiva, doença causada por um vírus que afeta o sistema nervoso, o Ministério da Agricultura recomenda o uso de uma pasta à base de warfarina, substância que impede a coagulação do sangue. Aplicada no dorso de alguns poucos morcegos, a warfarina pode eliminar uma colônia inteira de até 300 indivíduos, por causar hemorragia, já que os animais espalham o veneno ao se lamberem uns aos outros. Mas essa estratégia é ineficaz por duas razões, segundo Friederike Mayen, do Centro de Cooperação Internacional em Pesquisas Agronômicas para o Desenvolvimento (Cirad, na sigla em francês). Em um estudo publicado no *Journal of Veterinary Medicine Series B*, Mayen argumenta que, além de não reduzir de modo contínuo os casos de raiva entre as criações, o uso da pasta gera um problema ambiental grave: não são apenas os morcegos-vampiros que morrem, algo por si só desnecessário para evitar a transmissão da raiva. Como as colônias podem reunir também espécies que comem frutos e insetos, a warfarina pode atingir essas outras, essenciais à disseminação de plantas e ao controle de insetos noturnos. Uma solução mais eficaz? Estimular a construção de casas sem



DAMARIS FARIA

Inocentes em perigo: nem todo morcego transmite o vírus

frestas, o uso de repelentes de morcegos e a vacinação das criações contra a raiva. No país há 191 milhões de cabeças de gado, mas apenas um quarto recebe vacina anti-rábica a cada ano. Segundo Guilherme Marques, do Programa Nacional de Controle da Raiva dos Herbívoros do Ministério da Agricultura, o uso da pasta deve, em princípio, atingir apenas o *Desmodus rotundus*, que vive em colônias coesas, formadas por uma única espécie. •

■ As conseqüências do sono atrasado

Antes de passar por uma cirurgia, pergunte ao seu médico qual o horário em que ele costuma dormir. Isso mesmo. Se ele responder que

em geral se deita tarde, não insista em fazer a operação pela manhã, um dos horários preferidos pelos cirurgiões – a menos que não se importe com o risco de ele cochilar durante a operação. Há razão para se precaver. Interessada na relação entre o ritmo biológico e a sonolência durante o dia, a psiquiatra Maria Paz Hidalgo, do Hospital Presidente Vargas, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, investigou o padrão de sono e vigília de 310 estudantes de medicina, que normalmente dormem menos que o necessário, assim como os médicos já formados. Em um artigo publicado no *Psychological Reports*, Maria Paz relata que – independentemente do total de horas dormidas – os alunos classi-

ficados como vespertinos, que dormem e acordam tarde, correspondentes a quase um terço do total analisado, apresentam uma propensão maior a cochilar ou adormecer durante o dia em comparação com os matutinos, que deitam e acordam cedo. O resultado preocupa, uma vez que a sonolência diurna está associada à ocorrência de acidentes de trabalho e queda na produtividade. •

■ Doses além da média nacional

Pode ser uma conseqüência do clima frio. Em Pelotas, no Rio Grande do Sul, as pessoas estão tomando mais vinho e cerveja do que os organismos internacionais de saúde consideram saudável, revela um estudo feito com 1.968 pessoas com idade entre 20 e 69 anos. Por uma razão ainda desconhecida, o número de adultos que consomem bebidas alcoólicas em excesso (14,3%) é bem superior à média nacional, estimada em 9,2%. A proporção de homens que ingerem álcool em excesso – mais de 30 gramas por dia, o equivalente a meia garrafa de vinho ou pouco mais que uma garrafa grande de cerveja – é sete vezes maior que a de mulheres. Um em cada três homens bebe mais do que deveria, enquanto o mesmo ocorre com uma em cada 30 mulheres. O consumo é maior entre os negros, os indivíduos que frequentaram a escola por menos de quatro anos e os homens mais velhos, em especial, aqueles com mais de 60 anos, de acordo com o levantamento coordenado por Juvenal Dias da Costa, da Universidade Federal de Pelotas, e atual secretário da Saúde do município. •



CAROL QUINTANILHA

Risco extra: sonolência, apesar das horas dormidas